

FERDINAND DE SAUSSURE E A LINGUÍSTICA NO SÉCULO XX

Ânderson Rodrigues Marins (UERJ; UFF)
profandermarins@hotmail.com

RESUMO

A presença das ideias de Ferdinand de Saussure no seio da linguística é significativa, de modo que não há linguista que não lhe deva alguma coisa, nem teoria que não cite o seu nome. No Brasil, a partir dos anos 70, o estruturalismo já era uma orientação importante nos estudos da linguagem. Com efeito, contribuíra para criar um tipo de estudioso, o linguista, que já então dispunha de um lugar próprio ante duas figuras mais antigas: a do gramático e a do filólogo. Nesta pesquisa, revisitam-se alguns pontos considerados essenciais nos estudos saussurianos sobre a linguagem, entre eles as dicotomias e a Semântica estrutural.

Palavras-chave: Linguística. Ferdinand de Saussure. Semântica estrutural.

ABSTRACT

The presence of Ferdinand de Saussure's ideas within Linguistics is significant, so that there is no linguist who owes him nothing, nor a theory who does not cite his name. In Brazil, from the 1970s, structuralism was already an important orientation in language studies. In fact, he had contributed to the creation of a new type of scholar, the linguist, who already had a place of his own before two older figures: the grammarian and the philologist. In this research, some points considered essential in Saussurian studies on language, including dichotomies and structural semantics, are revisited.

Keywords: Linguistics. Ferdinand de Saussure. Structural Semantics.

1. Introdução

O *Curso de Linguística Geral* – como o próprio título sugere – foi originalmente um curso ou, mais precisamente, um conjunto de cursos proferidos por Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra, de 1907 a 1911, porém com interrupções, visto que o curso só era ministrado uma vez a cada dois anos. Colegas e discípulos de Ferdinand de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye¹ decidem reunir, após o falecimento do mestre, manuscritos e notas tomadas por seus alunos, a fim de publicar as

¹ Eram ex-alunos de Ferdinand de Saussure, no entanto não tinham seguido os cursos de linguística geral. (cf. ARRIVÉ, 2010, p. 22)

lições do mestre falecido. Essa campanha ainda recebe adjutório de Albert Rieglinger, esse, sim, ouvinte dos dois primeiros cursos.

Pode-se afirmar que o verdadeiro impacto causado pelo *Curso* ocorreu no fim da década de 1920, a partir do Primeiro Congresso Internacional de Linguística (Haia, 1928), do Primeiro Congresso dos Filólogos Eslavos (Praga, 1929) e da Primeira Reunião Fonológica Internacional (Praga, 1930). Nestes três fóruns, encontravam-se ideias de inspiração saussuriana, especialmente pelas mãos de Roman Jakobson (1896-1982) e Nikolai Trubetzkoy (1890-1938) (cf. FARACO, 2011). Essas ideias inovaram os estudos da época, dando às pesquisas em linguística, principalmente na Europa, uma nova direção, diferente da que caracterizava a gramática histórico-comparativa.

Nota-se que, no Brasil, a partir dos anos 70, o estruturalismo já era uma orientação importante nos estudos da linguagem. Com efeito, contribuíra para criar um novo tipo de estudioso, o linguista, que já então disputava de um lugar próprio ante duas figuras mais antigas: a do gramático interessado em sistematizar os conhecimentos que resultam num “correto” uso da variante padrão e a do filólogo interessado em estudar e analisar as fases antigas da língua, assim como os textos representativos dessas fases. (ILARI, 2011)

Hoje é irrefutável a presença das ideias do genial genebrino no seio da linguística, de modo que não há linguista hodierno que não lhe deva alguma coisa, nem teoria que não cite o seu nome.

Como o tema é vasto, nesta pesquisa revisitam-se alguns pontos considerados essenciais nos estudos saussurianos sobre a linguagem, priorizando-se, no entanto, alguns em detrimento de outros. Sendo assim, a pesquisa, ainda que sumariamente, tematiza pontos de influência de Ferdinand de Saussure na linguística do século XX e mais especificamente na semântica estrutural europeia.

2. O estruturalismo e a linguística no século XX

O século XX é palco de um expressivo desenvolvimento da linguística, com dois enfoques fundamentais no estudo da linguagem: Ferdinand de Saussure, com enfoque empirista, indutivo e experimental e Noam Chomsky, com enfoque racionalista, dedutivo e especulativo. (HAUY, 2014)

A linguística por um tempo era submetida às ingerências de outros

estudos: lógica, filosofia, retórica, história, ou crítica literária. O século XX operou uma transformação central e total dessa atitude, que se propaga no caráter científico dos novos estudos linguísticos, que estarão focados na observação dos fatos de linguagem.

Segundo Margarida Petter (2004, p. 13), o método científico supõe que a observação dos fatos seja anterior ao estabelecimento de uma hipótese e que os fatos observados sejam examinados sistematicamente mediante experimentação e uma teoria adequada. Dessa forma, explica a autora que o trabalho científico consiste em observar e descrever os fatos a partir de determinados pressupostos teóricos formulados pela linguística, ou seja, o linguista se aproxima dos fatos orientado por um quadro teórico específico.

Ferdinand de Saussure coloca a sua ideia de um sistema linguístico numa base funcional para a análise. Seu sistema linguístico incide em oposições ou contrastes de formas. Daí, faz uma distinção entre a linguagem propriamente dita – *langue* – e o discurso – *parole*. Por este último termo quer dizer o ato de fala, através do qual o falante expressa suas ideias utilizando, geralmente, o código da língua e o mecanismo psicofísico a seu serviço, para aquele fim.

Ademais, nos cursos de linguística geral, até mesmo em alguns tão formidáveis quanto o de Ferdinand de Saussure, surgem amiúde representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva, ou seja, o falante e o ouvinte (o receptor do discurso). Sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte.

A língua e a fala são os elementos constitutivos da linguagem, compreendida como a totalidade de todas as manifestações (físicas, fisiológicas e psíquicas) que entram em jogo na comunicação linguística. A rigor,

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independe do indivíduo; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala. Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. Enfim, é a fala que faz evoluir a língua. Existe, pois, interdependência da língua e da fala. (SAUSSURE, 2006, p. 27)

Língua e fala integram as dicotomias basilares no que tange à evolução dos estudos linguísticos. Dessas dicotomias, Ferdinand de Saussure

elege a língua como objeto de estudos para linguística, mas em função delas, de modo geral, sabe-se que se criaram escolas e teorias modernas. Segundo Ferdinand de Saussure, a linguagem não pode ser o objeto da linguística. É impossível, caso permaneçamos no terreno da linguagem, fazer uma descrição dos fatos da língua. O ponto de partida de uma análise linguística não pode ser a linguagem. (BAKHTIN, 2014, p. 88)

De acordo com Oswald Ducrot (1987, p. 67), “ser estruturalista, no estudo de um domínio qualquer, é definir os objetos deste domínio uns em relação aos outros”. Como se percebe, os termos “estrutura”, “estrutural” e “estruturalismo” estão no seio das palavras-chave que compõem o léxico dos pensadores do século XX². A palavra “estruturalismo” designa algumas correntes da linguística moderna que tomam impulso após o *Curso de Linguística Geral*³. Já em relação ao termo “estrutura”, sabe-se que fora utilizado pela primeira vez, em linguística, no 1º Congresso dos Filólogos Eslavos, numa das teses que têm entre os responsáveis o russo Roman Jakobson.

Os princípios teórico-metodológicos do estruturalismo ultrapassariam as fronteiras da linguística e a tornariam ciência-piloto entre as demais ciências humanas. Conforme já aludimos, uma sucessão de pensadores, como Jacques Lacan, na psicanálise; Claude Lévi-Strauss, na antropologia; Roland Barthes, na teoria literária; Michel Foucault, na história da cultura; Fernand Braudel, na história, e tantos outros, evidencia em suas obras a contribuição pioneira do mestre de Genebra relacionada à organização estrutural da linguagem. O estruturalismo provou ser um excelente

² O linguista dos primórdios do século XIX possuía um conceito de estrutura, ou ainda de sistema (as duas palavras se repetem sem cessar nos textos dessa época) bastante próximo da noção utilizada hoje. Digamos primeiramente que se esse conceito não se impôs, se foi quase abandonado (até que Ferdinand de Saussure o ressuscite, acrescentando-lhe certas determinações originais), foi porque não logrou resistir a uma descoberta feita na mesma época: a da transformação das línguas. Acreditamos descobrir, desde o século XVIII e XIX, a ideia de que cada língua possui uma organização que lhe é própria e que merece, por sua regularidade, ser considerada como uma ordem. O papel de Ferdinand de Saussure não é, pois, certamente, o de ter introduzido esse tema, e sim o de o ter reencontrado, e sobretudo ter podido impô-lo, após o êxito impressionante da gramática comparada. (Cf. DUCROT, 1971, p. 42, 55)

³ É necessário explicar-se o seguinte: o estruturalismo iniciou-se no ocidente, com Aristóteles (com suas categorias da *Ética*), desdobrou-se na Escolástica de Santo Agostinho e de Santo Tomás de Aquino, e foi em seguida aprofundado por Edmund Husserl, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure (responsável por uma sistematização mais rigorosa do estruturalismo) e por todos os pós-estruturalistas ou desconstrucionistas, como Lacan, Derrida, Foucault, Lévi-Strauss, Barthes, Russel, Wittgenstein. (Cf. CAETANO, 2016, p. 157)

método de trabalho, e uma metodologia dotada de rigor científico – quando corretamente empregado –, muito mais do que meramente uma escola, um ambiente ou uma moda.

Segundo Edward Lopes (2008, p. 190), as finalidades mais evidentes do modelo estruturalista podem ser sintetizadas em estudar enunciados efetivamente realizados, excluídos de qualquer consideração da *situação* ou da *enunciação*, ou seja, circunstâncias de contato entre o destinatário e o remetente da mensagem, tentando realizar a sua *descrição*, não sua *explicação*.

A teoria estrutural de Ferdinand de Saussure apresenta tipos binários de relação na língua: relações associativas e relações sintagmáticas; esta compreende a relação existente em um enunciado, aquela, por sua vez, compreende os conjuntos de formas linguísticas que todo falante tem em mente e constituem uma formação tácita que atribui valor linguístico às formas linguísticas em um ato discursivo.

Obviamente, isso induz à seguinte conclusão: compreender a língua (cf. COSTA, 2010, p. 114), uma vez formada por elementos coesos e inter-relacionados, os quais funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema.

Outro conceito valioso que resulta de oposições entre os termos do sistema linguístico refere-se à noção de *valor*: “uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra”. (SAUSSURE, *op., cit.*, p. 134)

O valor que Ferdinand de Saussure postula para os termos linguísticos é oriundo de uma comparação. Ele procede continuamente de combinações no discurso (relações sintagmáticas) e de oposições funcionais (relações paradigmáticas) entre termos do mesmo nível no sistema linguístico, em um determinado estado (sincrônico) da língua. A noção de valor representa, portanto, um aspecto fundamental para a linguística saussuriana porque é o valor que dinamiza a significação.

Conforme Oswald Ducrot (1971, p. 68), “no próprio *Curso*, as dificuldades ligadas à identificação dos elementos linguísticos são evocadas em diversos passos, e sempre para introduzir a noção de valor”. O autor ainda afirma que “elas se destinam a provar que cada elemento, se se

procuram os traços que são constantes nas diferentes aparições, só pode ser definido pela referência aos outros elementos da língua”. Portanto, “sua realidade própria é inseparável de sua situação no sistema (é o que Ferdinand de Saussure chama seu *valor*)”.

Seguidor das ideias do estruturalismo saussuriano, Oswald Ducrot certa vez declarou:

Certamente, tenho a pretensão de permanecer fiel a Saussure, mesmo se o que digo é bem diferente daquilo que dizia Saussure. Retomo de Saussure esta ideia (...) segundo a qual as palavras não podem ser definidas senão pelas próprias palavras e não em relação ao mundo, ou em relação ao pensamento. A diferença entre o meu trabalho e do Saussure é que não defino, propriamente falando, as palavras em relação a outras palavras, mas em relação a outros discursos. O que eu tento construir seria então uma espécie de estruturalismo do discurso. (Oswald Ducrot em entrevista a Heronildes Moura na revista *D.E.L.T.A.* de 1980 *apud* FLORES & TEIXEIRA, 2005)

A influência também se evidencia em a teoria da argumentação na língua (TAL), sobretudo sua última fase, denominada teoria dos blocos semânticos, cujos alicerces se fundamentam no quadro do estruturalismo saussuriano e nas teorias da enunciação, colhe alguns conceitos, alterando-os e desenvolvendo-os. Essa teoria daria conta de explicar qualquer sentido possível na língua, por mais que possa ser tachado de absurdo, curioso ou, para utilizar um termo pertencente à própria teoria, paradoxal. Oswald Ducrot parte de um preceito central de que a argumentação está na língua, e assim propõe a semântica argumentativa.

A teoria da argumentação na língua tem seus princípios ligados ao estruturalismo saussuriano, que tem por base a noção de relação, visto que uma expressão só terá sentido se relacionada com outros elementos da língua. Segundo Oswald Ducrot, ser estruturalista, no estudo de um domínio qualquer, significa definir os objetos deste domínio uns em relação aos outros. (DUCROT, 1987, p. 67)

Em meados do produtivo século XX, mais precisamente no final da década de 1950, o linguista norte-americano chamado Noam Chomsky, professor do Instituto de Tecnologia de Massachussets, o MIT, trouxe para a linguística uma nova onda de transformações. Essas transformações correspondem a uma corrente de estudos da ciência da linguagem que teve início nos Estados Unidos, denominada linguística gerativa (LG) ou gerativismo.

A dicotomia nomeada por Ferdinand de Saussure de *langue* e *parole*, Louis Trolle Hjelmslev nomeou de *esquema* e *uso*; Roman Jakobson

fala, para a mesma relação, em código e mensagem, noções essas que, aproximadamente, correspondem às dos termos aplicados por Noam Chomsky para *competência* e *desempenho* (LOPES, 2008, p. 78) e Eugenio Coseriu, com base na dialética entre os conceitos de *langue* e *parole*, criou o trinômio sistema, norma e fala⁴.

Para a linguística gerativa, afinal, a linguagem é uma capacidade inata e é transmitida geneticamente, além de ser considerada como própria da espécie humana. A rigor, o ano de 1957 e a publicação do livro *Estruturas Sintáticas*, de autoria de Noam Chomsky, são considerados seu marco inicial.

O estruturalismo e o gerativismo analisavam os aspectos estruturais e formais das sentenças, não envolvendo os fenômenos interacionais a elas relacionados, tarefa que viria a ser agasalhada por outra corrente linguística, o funcionalismo. Tal corrente vincula a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os distintos contextos comunicativos em que elas são utilizadas, além de conceber a linguagem como um instrumento de interação social; isto é, analisa a relação entre linguagem e sociedade.

Com o destaque sobre a unidade da língua, em detrimento de sua heterogeneidade, Ferdinand de Saussure lançou o método estruturalista, ainda nos dias de hoje imprescindível para a preparação e compreensão de uma gramática normativa. Teóricos posteriores levaram adiante questões como o funcionalismo e o formalismo, e cultivaram não somente consistentes subsídios sobre o que caracteriza a descrição linguística de um idioma (formalismo), mas também delinearam parâmetros sobre como essa descrição se relaciona com os seus usuários (funcionalismo). (Cf. CAETANO, 2016, p. 155)

3. Ferdinand de Saussure e a semântica estrutural

Uma das vertentes dos estudos estruturalistas de Ferdinand de

⁴ Ao que consta, na historiografia linguística encontram-se duas grandes obras que retomam as noções de “mudança”, “sistema” e “homogeneidade”, presentes no *Curso de Linguística Geral*, buscando estabelecer uma relação mais integrativa entre sincronia e diacronia e a associação entre sistema e heterogeneidade. Em tais obras, sincronia/diacronia, sistema/heterogeneidade são considerados antinomismos do linguista suíço. Essas obras às quais se faz referência são: *Sincronia, diacronia e história*, do linguista Eugenio Coseriu e *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog. (LIMA & MELO, 2016, p. 14)

Saussure propõe o *signo* linguístico como uma unidade composta por *significante* mais *significado*. Eis por que a semântica acabou por ser reintroduzida no corpo da linguística, reativando, então, o interesse pelos estudos dessa área.

Isso em si já é interessante, especialmente quando se tem notícia de que na Europa os estudos sobre o sentido ganham adeptos depois dos trabalhos pioneiros de Ferdinand de Saussure e de Louis Trolle Hjelmslev, que escreve em 1957 um texto intitulado Por uma semântica estrutural, propondo as bases de uma abordagem estrutural em semântica. Seu desenvolvimento mais proeminente pode ser situado na década dos anos 60. Com essas duas figuras exponenciais, assentavam-se as condições prévias para a organização de uma semântica em bases científicas.

A noção de signo nos estudos de Ferdinand de Saussure traz a reboque uma série de outros tópicos. O signo linguístico não é uma coisa e um nome, mas um *conceito* e uma *imagem acústica*, ou seja, a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos em uma palavra, mas não a falamos. O signo não é um conjunto de sons, cujo significado são as coisas do mundo.

Semelhante ao verso e ao averso de uma folha de papel ou a uma moeda, o signo é uma entidade de duas faces (um conceito e uma imagem acústica), percebíveis tanto em relação a sua existência quanto em sua inseparabilidade. Para Ferdinand de Saussure, conceito é sinônimo de significado, que não é a realidade que ele designa, mas a sua representação, uma ideia que modela determinado modo de compreender as coisas. Por outro lado, imagem acústica é o significante, um meio de expressar o significado, o que se entende quando se usa o signo. (Cf. SAUSSURE, 2006, p. 80-81)

O signo linguístico pode, então, ser representado pela figura. (SAUSSURE, 2006, p. 80):

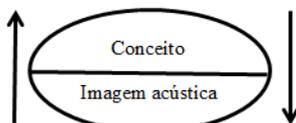
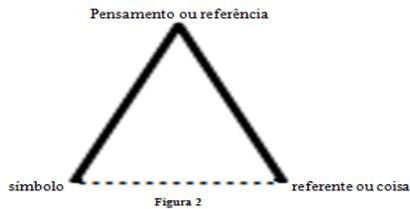


Figura 1

Cabe uma observação sobre o gráfico do signo-árvore, encontrado na página seguinte do *Curso*, cuja autoria não se atribui à Ferdinand de Saussure:

Em uma ou duas ocasiões pelo menos, há motivos para lamentar uma intervenção canhestra dos editores, que modifica a própria letra das fontes de que eles se serviam. O gráfico do signo-árvore é uma invenção de Charles Bally e Albert Sechehaye; pois bem, essa figura reintroduz, ou pelo menos convida a reintroduzir, a concepção nomenclaturista da língua, rejeitada duas páginas atrás. (AMACKER, 1975, p. 85, *apud* LOPES, 1989)

No que concerne a essa teoria bifacial do signo, destaca-se o fato de Ferdinand de Saussure não haver incluído um terceiro termo: a coisa significada⁵. Tal inclusão pode ser encontrada no triângulo de Charles Kay Ogden e Ivor Armstrong Richards (*apud* CARVALHO, 2013, p. 33):



O qual poderia ser adaptado ao esquema saussuriano:



Castelar de Carvalho (2013) informa que o triângulo de Charles Kay Ogden e Ivor Armstrong Richards inclui o referente ou coisa significada, ou seja, a realidade sociocultural, a qual não pode ser desprezada pela semântica. Além disso, Castelar de Carvalho ressalta que não existe nenhum vínculo direto entre a coisa e o símbolo, o que levaria, geralmente,

⁵Essa exclusão da coisa é a consequência imediata da recusa de Ferdinand de Saussure de conceber a língua como uma nomenclatura: "Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas" (SAUSSURE, 2006, p. 79). Certamente, o problema das relações entre linguagem e realidade não é negligenciado por Ferdinand de Saussure. Ele o aborda explicitamente, para destacar sua complexidade: "Tal concepção [a da língua como nomenclatura] faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade" (*idem*). O termo "operação" o diz claramente: o que se invoca aqui é o processo linguístico pelo qual o referente é assumido pelo signo. (Cf. ARRIVÉ, 2010, p. 55)

à relação binária e de natureza psíquica estabelecida por Ferdinand de Saussure.

Destaque-se o fato de que pouco antes de Ferdinand de Saussure se incumbir do primeiro curso de linguística geral, já dado na Universidade de Genebra, em 1906-1907, Edmund Husserl (1859-1938) exibia nas suas *Logische Untersuchungen* (1900) uma visão tricotômica do signo. Essa visão era formulada com base na ideia da *intencionalidade excêntrica* do homem (pela qual ele aludia ao movimento da consciência enquanto “consciência de alguma coisa” colocada fora dela) e segundo a qual a significação surge mediante articulação de uma expressão (*Ausdruck*) mais um “conceito” ou “ideia” (*Bedeutung*, substância do conteúdo, por oposição a *Sinn*, forma do conteúdo, o “como” se exprime o conceito), e “a coisa referida” (*Gegenstand*).

As *Investigações Lógicas*, notadamente o seu volume II, foi uma das maiores fontes da qual se serviram boa parte dos melhores linguistas do século XX: Louis Trolle Hjelmslev, Nikolay Serguleievitch Trubetzkoy, Roman Jakobson e o próprio Ferdinand de Saussure. Vale ressaltar que o entendimento do filósofo para a descrição do signo foi o pontapé inicial para as modernas teorias representacionais da significação, graças, sobretudo, à intermediação do *The Meaning of Meaning*, de Charles Kay Ogden e Ivor Armstrong Richards, cujo triângulo básico veio lembrar, após um quarto de século, as ideias de Husserl, repondo-as em circulação, agora sob forma adaptada.⁶ (Cf. LOPES, 2008, p. 1, 2)

Alguns princípios que Ferdinand de Saussure propõe para discutir a linguagem influenciam os estudos semântico-linguísticos, como a diferença entre *langue* e *parole*, o conceito de língua como sistema de relações, a definição do plano da língua como objeto da linguística; as noções de signo linguístico, de significante e significado; os conceitos de significação e valor, assim como de forma e substância; as perspectivas sincrônica e diacrônica do tratamento dos fatos da língua; além da visão de dois tipos de relações linguísticas complementares, nos planos paradigmático ou associativo e sintagmático ou combinatório. (MARQUES, 1990)

Ainda segundo Maria Helena Duarte Marques (1990, p. 50.), até a década de 1960 a linguística norte-americana e europeia não consegue desenvolver formas de tratamento abstrato-conceitual para a semântica. Por

⁶ Ver figura 2.

consequente, não oferecem ao estudo do significado igual relevância como aos demais planos da língua, para os quais preparam teorias e princípios de análise rigorosos, que admitem a descrição e o conhecimento de propriedades de estruturas morfossintáticas e fonológicas de várias línguas.

4. Considerações finais

Não restam dúvidas de que a linguística estrutural europeia lança raízes na dicotomia entre *língua* e *fala*. A língua, “um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, *op. cit.* p. 31), constitui o objeto da linguística, logo, da semântica. Tudo isso leva a se conceber as palavras como os elementos ou termos de um sistema de relações lexicais, de onde eles extraem sua significação diferencial ou valor, em detrimentos de concebê-las como simples denominações, cujo sentido seria subordinado a conceitos ou objetos preexistentes (TAMBA, 2006). E com a inserção do significado na concepção do signo linguístico, o mestre de Genebra deposita o sistema dos sentidos dentro do sistema linguístico e confere à semântica um lugar no seio da linguística⁷. Com efeito, a semântica estrutural europeia consagra-se assumindo o léxico como campo de estudo, abordando-os, no entanto, sob novo prisma sistemático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola, 2010.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CAETANO, Marcelo Moraes. Contribuições de Saussure: precursores, paralelos, sucessores e desdobramentos. *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 50, p.

⁷ Antes do *Curso de Linguística Geral* era comum denominar-se *signo* apenas à imagem acústica, em total detrimento do significado. (cf. LOPES, 2008, p. 83)

155-179, 2016.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística descritiva*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

_____. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 47. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1971.

_____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, Maria Hozanete Alves de; MELO, Felipe Moraes de. Nos “limites” de Ferdinand de Saussure: Coseriu, Weinreich, Labov e Herzog. *Revista Gragoatá*. Niterói, n. 40, p. 12-24, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33372/19359>>. Acesso em: 15-09-2019.

LOPES, Edward. A linguística saussuriana: uma teoria contextual e não representacional da significação. *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo, n. 33, p. 1-7, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3805/3513>>. Acesso em: 15-09-2019.

_____. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Zahar, 1990.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed., 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SAUSSURE. Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TAMBA, Irène. *A semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.